



Leituras da *Formação*: notas sobre recepções críticas de Antonio Candido

Reading *Formação*: notes on critical receptions of Antonio Candido

Sérgio da Fonseca Amaral¹

Moisés Ferreira do Nascimento²

Resumo: neste trabalho analisamos a crítica à *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos, de Antonio Candido, elaborada por Afrânio Coutinho, Haroldo de Campos e Luiz Costa Lima. Propõe-se, desse modo, estudar o processo de recepção crítica da obra-mestre de Candido ao longo da segunda metade do século XX, numa tentativa de apreender o seu lugar na historiografia literária contemporânea.

Palavras-chave: Antonio Candido. *Formação da literatura brasileira*. Afrânio Coutinho. Haroldo de Campos. Luiz Costa Lima.

Abstract: The following project aims at analyzing the criticism made by Afrânio Coutinho, Haroldo de Campos and Luiz Costa e Lima on Antonio Candido's *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. Thus, we propose to study the process of critic reception of Candido's máster piece during the second half of the 20th century, in an attempt of seizing its spot in contemporary Literary Historiography.

Keywords: Antonio Candido. *Formação da literatura brasileira*. Afrânio Coutinho. Haroldo de Campos. Luiz Costa Lima.

I.

A *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, como é notório, representa um marco histórico-teórico-crítico para os estudos literários no Brasil. Presença irresistível – e quase hegemônica – se o assunto for a historiografia literária brasileira, essa obra tem uma importância significativa no panorama crítico nacional, onde figura ao lado de grandes clássicos como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Trata-se de uma presença viva da qual não se pode escapar.

Dos programas de pós-graduação às aulas de literatura no Ensino Básico, a teoria de Candido, ora de maneira explícita, ora implícita, se faz presente como “lugar comum”, pressuposto geral, máximas cristalizadas a qual alunos e professores, críticos e teóricos recorrem. O cânone literário ali estabelecido, em linhas gerais, é enxergado

¹ Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). É Professor Titular de Literatura Brasileira e Estudos Literários no Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), foi professor substituto da mesma instituição entre 2016 e 2017. Atualmente, é aluno do doutorado em Ciências da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

como um padrão, um quadro geral de “escritores brasileiros” adotado nos livros didáticos e nos cursos de graduação em Letras (BAPTISTA, 2005a).

Não há, segundo Abel de Barros Baptista, possibilidade de se aproximar da literatura brasileira sem contato com Candido e a *Formação* (ibidem, p. 41). A noção de sistema literário, as definições de “manifestações literárias”, “momentos decisivos”, e até a utilização da palavra-conceito “formação” são verbetes ligados ao pensamento do crítico-historiador, largamente utilizados e ainda dominantes na crítica literária brasileira. Some-se a isso outra constatação: a de que o legado intelectual e humanista construído por Candido é imenso, e a sua noção de sistema literário de um grande valor, que as análises, críticas e/ou referências ao crítico-historiador – com exceção das tais “poucas vozes dissonantes”, que mais à frente serão algumas delas apresentadas – são, quando não encomiásticas, elogiosas, elaboradas a partir de uma aceitação e respeito incontestes. O pensamento e a teoria de Candido constituem um “paradigma crítico” tão importante e perpetuado nos estudos literários que, de um modo geral, o debate sobre a historiografia brasileira há mais de 50 anos está limitado ao entorno da sua obra capital (SOUZA, 2005, p. 14).

II.

Há, parece-nos, uma dedicação a esse patrimônio crítico, uma espécie de blindagem, assegurada, sobretudo por críticos, professores e teóricos da literatura brasileira – poderíamos, sem medo de errar, citar alguns nomes zelosos pelo pensamento e teoria do crítico-historiador: Benjamin Abdala Jr., Célia Pedrosa, Lígia Chiappini, Paulo Arantes, Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, entre outros – que não só lhe garante durabilidade, hegemonia e permanência frente a outros paradigmas, a outras discussões e caminhos literários surgidos nos estudos literários nos últimos 50 anos, como também tolhe a arguição, a contraposição crítica, a tentativa de superação.

É o que fez, por exemplo, Lígia Chiappini no artigo “Os equívocos da crítica à *Formação*” (CHIAPPINI, 1992), apresentado na III Jornada de Ciências Sociais da UNESP, evento realizado em Marília no primeiro semestre de 1991 em homenagem a Antonio Candido. O que se anuncia como leitura interpretativa das abordagens da *Formação* transforma-se numa clara resposta ao ensaio *O Sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, de Haroldo de Campos (CAMPOS, 2011a), resposta esta inscrita sob um discurso acrimonioso, intolerante à atividade crítica – sobretudo por se tratar de uma inquirição a Antonio Candido. À certa altura do texto, Lígia afirma que o evento em Marília tinha a importância de não só ressaltar a importância do crítico-historiador, mas também de

[...] explicar um pouco para nós mesmos da sua influência; fazer um balanço do que lhe devemos, para conseguir ver mais claros os próprios caminhos, a partir do reconhecimento dessa dívida. Porque, ao contrário do que postularia uma estéril rebeldia infantil, reconhecer a contribuição duradoura de um mestre não significa prestar-lhe um culto obnubilante, mas atender à primeira condição para, assimilando-a em profundidade, superá-la. (CHIAPPINI, ibidem. p. 170).

O leitor familiarizado com *O Sequestro* deve se lembrar da passagem em que Haroldo afirma ser a *Formação* uma obra capital, “merecedora não de culto reverencial, obnubilante, mas de discussão crítica que lhe responda às instigações mais provocativas” (CAMPOS, 2011a, p. 23). Sabendo também que o poeta transcriador foi um discípulo de Candido, fica fácil entender o que a autora define como uma “estéril rebeldia infantil”. Nota-se, portanto, que o texto de Ligia coloca como eixo principal desqualificar – e não discutir, indagar, apreender seus limites – o debate proposto pelo crítico, numa evidente demonstração de desafeto intelectual.

Mais recentemente, a pesquisadora da USP Walnice Nogueira Galvão, outra discípula do crítico-historiador, também demonstrou uma desafeição à recepção crítica da *Formação*³. Comentando o ensaio “O cânone como formação”, posfácio elaborado pelo crítico e professor português Abel Barros Baptista para o livro *O Direito à literatura e outros ensaios* – coletânea de textos de Antonio Candido publicada em Portugal, organizada, inclusive, pelo próprio Abel –, a professora caminha pela mesma esteira de sua colega Ligia Chiappini.

Walnice Nogueira primeiro desmerece e até menospreza essa que foi a primeira publicação em Portugal de textos de Antonio Candido; depois, “qualifica” a crítica de Abel como um “ajuste de contas com Antonio Candido – não, como seria de esperar, com os ensaios por ele mesmo selecionados, mas sim com a *Formação da literatura brasileira*”. Ora, como o próprio português afirma, só mesmo um “espírito provinciano” e “mesquinho” para desqualificar a publicação de ensaios de Candido em Portugal e, ato contínuo, classificar uma crítica à *Formação* elaborada em solo lusitano como “ressentimento português” – uma espécie de recalque pelo “arbusto de segunda ordem no jardim das musas...” em que o crítico-historiador enquadra a literatura portuguesa na tropologia do galho secundário (CANDIDO, 2009, p. 11).

III.

Tais constatações levaram-nos a perguntar o porquê de tamanha estabilidade. Em tempos de dissoluções – ou pluralidades – de paradigmas, ou, segundo Marcelo Paiva de Souza, de certezas de que “as fronteiras do que entendemos por literatura em nossos dias vêm sendo continuamente questionadas e redesenhadas” (SOUZA, 2005, p. 15), é no mínimo intrigante visualizar essas tentativas de assegurar ainda hoje um caráter coerente, horizontal e linear ao paradigma candidiano. Se o próprio Candido, lembra-nos Marcelo Paiva, fez um exercício autocrítico quanto à tese desenvolvida na *Formação*, enxergando nela problemas a serem resolvidos, parece-nos que manter essa proposição teórica fechada, blindada ao exercício crítico e à atividade intelectual, como fazem alguns dos seus defensores, não é a melhor maneira de legitimá-la como

³ Em janeiro de 2005 foi publicado no caderno “Mais!”, da *Folha de São Paulo*, uma entrevista que Abel Barros Baptista concedeu ao jornalista e professor da USP Adriano Schwartz (SCHWARTZ, 2005) em razão da publicação em Portugal do livro de Antonio Candido *O Direito à literatura e outros ensaios* organizado pelo crítico português. Todavia, a entrevista saiu acompanhada de uma nota, escrita por Walnice Nogueira Galvão, com o título “Pesquisadora rebate ataques a Antonio Candido” (GALVÃO, 2005), que acusava Abel de tentar fazer um “ajuste de contas” com Antonio Candido, insinuando um recalque literário português para com a teoria de Candido. Abel replicou a reportagem e a nota de Walnice na edição seguinte do caderno (BAPTISTA, 2005b).

basilar para os estudos literários brasileiros. Pelo contrário, como afirmou Abel Barros na *Folha*, “uma obra publicada, sobretudo com a importância e a grandeza de Antonio Candido, está no mundo para ser lida e estudada, analisada e debatida” com a seriedade e o respeito que lhe são devidos, mas nunca velada, nunca tolhida da atividade crítica.

Marcelo Paiva recorda uma passagem da entrevista que Candido concedeu à escritora argentina Beatriz Sarlo em 1980, onde assim define a sua obra-principal: “Es un libro de juventud en el cual trabajé diez años, pero que hoy ya no me gusta”⁴. Essa expressão de lucidez e maturidade do crítico-historiador, segundo Marcelo, é formidável, pois reforça a atualidade que a *Formação* possui: “uma atualidade relativa”:

Está com razão Roberto Schwarz quando escreve sobre os sete fôlegos do livro.⁵ Mas nem Antonio Candido, nisso aliás muito mais jovem de espírito do que muitos dos seus discípulos, nem Antonio Candido, dizíamos, negaria que num e noutro passo a obra sente uma senhora falta de ar. (SOUZA, 2005, p. 15).

Essas foram as diretrizes e perspectivas que moldaram nossa caminhada pela teoria de Candido. Primeiro, reconhecendo a importância da incontornável obra do crítico-historiador para aquilo que Luiz Costa Lima define como “processo de estabilização da história da literatura no Brasil” – processo este onde “a literatura [...] emprestava seu nome à formação da nacionalidade” (COSTA LIMA, 2005, p. 56) –, que culminou no caráter paradigmático da *Formação* e da teoria de Candido. Contudo, em segundo plano, com a convicção de que a validação dessa estabilidade no século XXI precisa ser questionada, pois trata-se de um período em que o Estado-Nação não possui a força que lhe caracterizou até os anos 1950-60, e o conceito de literatura, embora em sua história gozasse de baixa estabilidade, apresenta-se hoje fortemente pressionado por uma série de questões, seja o ataque ao cânone, seja a consolidação dos suportes digitais, seja a famigerada globalização, forçando o paradigma nacional para um campo mais propriamente ideológico do que estético.

O caminho percorrido até aqui nos levou a querer observar a *Formação* através da sua recepção. Ao longo dos seus mais de cinquenta anos, muita coisa se escreveu sobre a teoria de Candido, e esta fortuna crítica, como bem diz Marcelo Paiva, “constitui, sozinha, parte expressiva do melhor que se tem pensado entre nós ultimamente sobre historiografia literária” (SOUZA, 2005, p. 14). Ou seja: independente de se concordar ou não com o pensamento candidiano, recluir o debate em torno de sua abordagem histórica ou, numa atitude extrema, simplesmente fugir desse eixo não é o caminho. Principalmente numa época em que, se concordarmos com Leda Tenório da Motta, se visualiza “um verdadeiro amadurecimento, ou a mais acabada maioria de nossa retardatária musa” (MOTTA, 2002, p. 201).

Estudar a fortuna crítica de Candido, portanto, para além de ser uma homenagem ao legado do crítico-historiador, foi a maneira que encontramos de mostrar a importância

⁴ “É um livro de juventude, no qual trabalhei por dez anos, mas que hoje já não me agrada”. Cf. (SARLO, 1980, p. 7).

⁵ Marcelo Paiva faz uma alusão ao fundamental texto de Roberto Schwarz “Os sete fôlegos de um livro”. Cf. (SCHWARZ, 1999, p. 82-95).

do debate crítico, bem como do movimento dialético que esse debate propicia. Como Costa Lima afirmou certa vez, “a crítica consiste na atividade de apreensão dos limites da razão”⁶, e, de nossa parte, acreditamos que são essas atividades que nos permitem não padecer numa terra ignota.

IV.

Dessa forma, selecionamos para uma rápida observação e comentários três críticas à *Formação* sob perspectivas que reavaliam o autor, mesmo que o resguarde em alguns casos, e chocam-se entre si, elaboradas por Afrânio Coutinho, Haroldo de Campos e Luiz Costa Lima. Destacaremos os seguintes fatores, em linhas gerais, como importantes na escolha desses nomes: 1) não se tratam de críticos diretamente ligados a Antonio Candido ou que sobre ele fizeram abordagens encomiásticas – Haroldo e Luiz, embora tenham sido seus orientandos no curso de Doutorado, não pertencem ao seu ciclo crítico-teórico e/ou de amizade; 2) nenhum dos três teve relação direta com aquilo que Abel Barros denomina “paradigma uspiano” que dominou as ciências humanas no Brasil ao longo do século XX (BAPTISTA, 2005a, p. 46); 3) a observar o período em que foram redigidos, os três ensaios, cronologicamente, representam cortes importantes do processo de maturidade crítica nos estudos literários brasileiros.

V. Afrânio Coutinho

A escolha por Afrânio Coutinho se deu pelo fato dele ser também um crítico-historiador que marcou a historiografia literária brasileira do século passado, através da sua *A literatura no Brasil*, além de ser um dos primeiros a criticarem a obra-mestre de Candido – no mesmo ano de publicação da primeira edição, em 1959.

A crítica de Afrânio Coutinho à *Formação da literatura brasileira* não se resume apenas ao universo contextual do subcapítulo “Formação da literatura brasileira, de Antonio Candido”, do livro *Conceito de literatura brasileira* (1980), publicado em 1960. Isso porque, apesar de parecer que a intenção ali seja construir uma obra em que o “conceito” de literatura e história literária brasileira aparecesse de forma mais sintética e panorâmica, todo o livro, que fora redigido em 1959 – três anos após o lançamento de *Quadro Sintético da Literatura Brasileira* (1959), de Alceu Amoroso Lima, e mesmo ano de publicação da *Formação* –, procura questionar e desqualificar certos pressupostos teóricos no âmbito dos estudos literários em crescente ascendência, significativamente representados pelo sucesso editorial da *Formação*, de Candido.

Do primeiro capítulo – “Teoria da História Literária Brasileira” – ao último – “Rio de Janeiro e a Unidade da Literatura” –, a obra propõe-se a legitimar a tese a-histórico-nacionalista de Afrânio Coutinho: a literatura brasileira nasce no mesmo instante em que o Brasil é descoberto, ou seja: desde o primeiro instante da ocupação portuguesa, no século XVI. Não discordando da existência de fases de autonomia, maturação e

⁶ A frase foi pronunciada na conferência que Luiz Costa Lima proferiu no II Seminário Internacional de Crítica Literária, organizado pelo Itaú Cultural em São Paulo. Disponível no sítio eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=oJOCCZkG0is>> Acesso em 15/02/2018.

independência, o crítico, todavia, afirma que “nasceu um homem novo [...] desde o primeiro instante em que o europeu aqui pôs o pé”. E mais: “aqui chegado, em contato com a nova realidade, o europeu ‘esqueceu’ a situação antiga, e, ajustando-se à nova, ressuscitou como outro homem” (COUTINHO, 1981, p. 14–15). Como se vê, tal parâmetro metafísico é o elemento norteador do crítico para a compreensão da historiografia literária brasileira, e, nele estribado, entra em colisão com o autor de *Formação*.

Todo o caminho trilhado por Afrânio Coutinho em *Conceito de literatura brasileira* tem o intuito de dar sustentação para o que é interesse de fato da obra: invalidar a noção de “sistema literário” de Antonio Candido, seus pressupostos e implicações no âmbito dos estudos literários brasileiros. Diga-se, de passagem, que Candido e Coutinho, embora sejam de filiações ideológicas e parâmetros críticos diversos, possuem algumas características em comum: ambos, a seu modo, são nacionalistas⁷ preocupados em construir uma história literária nacional; ambos pensam o Romantismo brasileiro como um momento de maturidade e o Modernismo de 22 como a completa autonomia da literatura brasileira da portuguesa (ver *Conceito*; no caso de Candido, ver *Formação*)⁸; e, em ambos, há uma visão gradualista evolutivo-linear da literatura no Brasil (CAMPOS, 2011a, p. 88). Porém as semelhanças encerram-se aí, pois há uma discordância teórica, crítica e ideológica de fundo, que é o mote do livro, tanto no conceito de literatura quanto no de história.

VI. Haroldo de Campos

Por sua vez, a leitura de Haroldo de Campos representa um marco histórico para os estudos literários brasileiros. *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, independente de se concordar ou não com as proposições ali apresentadas, é um divisor de águas. A fortuna crítica da *Formação* deve muito à publicação desse ensaio, pois, ainda que já existissem obras formidáveis a ela dedicadas, foi a crítica haroldiana que [re] acendeu o debate em torno da “formação” e “origem” da literatura brasileira.

O trabalho intelectual de Haroldo assume uma grande importância, pois, tanto na criação, como na crítica, ele sempre primou pela “diferença”, procurando exercer na prática o que num bate-papo com Guimarães Rosa afirmou ser a sua essência: “ [...] sou um *kamikase* da literatura” (CAMPOS, 2011b, p. 46). Polêmico, dono de uma crítica aguda, o crítico-poeta se recusava a aceitar como verdade as afirmações da crítica e historiografia literária.

O sequestro é de longe a crítica mais polêmica que a obra-mestre de Antonio Candido recebeu. E não só pelos questionamentos levantados na obra. O impacto gerado pela sua publicação foi tão grande que, em pouco tempo, as repercussões, principalmente contrárias, ganharam os espaços acadêmicos. Compare-se, por exemplo – e o livro *Bibliografia de Antonio Candido*, de Vinícius Dantas (2002), nos

⁷ O nacionalismo em Candido é pautado na consciência de país latino-americano subdesenvolvido. Cf: “Literatura e Subdesenvolvimento”, in: (CANDIDO, 2006, p. 169-196).

⁸ Sobre a autonomia do modernismo em relação à literatura portuguesa em Candido, cf: “Literatura e cultura de 1900 a 1945 (panorama para estrangeiro)”, in: (CANDIDO, 2006, p. 117-145).

serve como ponto de apoio –, o volume de publicações sobre a *Formação* antes e depois de 1989, ano em que foi publicado *O Sequestro*, de Haroldo de Campos. O exame mais simples decodifica que nos anos 1990 livros, ensaios e artigos sobre a obra do mestre (bem como sobre a crítica, a militância e trajetória de Candido) aumentaram em proporções que longe estão de serem meros detalhes. E o que é mais interessante: são os amigos, discípulos e simpatizantes da obra de Antonio Candido que assumiram para si a responsabilidade de questionar *O Sequestro*, não ele próprio.

Trata-se no *Sequestro*, e nisto está o seu maior efeito, de questionar a noção de formação de Candido que, com suas conclusões lineares, oclusivas e objetivas, gozavam de uma estabilidade, como já disse Haroldo, “obnubilante” (CAMPOS, 2011a, p. 23). Em uma entrevista, afirmava o autor:

Esse ensaio longo, já vertido para o espanhol e o inglês, provocou e ainda provoca ressentidas restrições (acusações de plágio, de tanger uma linguagem chula, desbocada, até mesmo pornográfica). Há intervenções, no plano da crítica, que envolvem, por necessidade, a polêmica. Recuso-me a aceitar como dogmaticamente verdadeiros os ditames da crítica e da historiografia literária. *O Sequestro...*, passadas três décadas de publicação na *Revista Formação*, é, até onde sei, o primeiro e único ensaio crítico sobre esse livro fundamental. (CAMPOS, 2003).

Ou seja, Haroldo propõe-se a indagar a *Formação* menos por mera recuperação de um período do que uma recusa à validação dogmática de um método histórico-literário.

Afirmando que a “questão da origem” é um problema “instante e insistente na historiografia brasileira”, Haroldo de Campos encontra nas formulações de Candido, o que já havia postulado em “Da Razão Antropofágica”:

[...] estamos diante de um “episódio da metafísica ocidental da presença, transferido para as nossas latitudes tropicais, [...] um capítulo a apendicular ao logocentrismo platonizante que Derrida, na *Gramatologia*, submeteu a uma lúcida e reveladora análise [...]. (CAMPOS, 2006, p. 19).

E o problema fica maior porque, no caso da *Formação* de Candido, a perspectiva histórica desse “enredo metafísico” rasura a presença poética de Gregório de Matos e do Barroco na historiografia literária brasileira. Segundo Haroldo, um verdadeiro paradoxo borgiano, já que nessas nuances a “questão da origem” soma-se à da “identidade ou pseudoidentidade de um autor ‘patronímico’”.

Um dos maiores poetas brasileiros anteriores à Modernidade, aquele cuja existência é justamente mais fundamental para que possamos coexistir com ela e nos sentirmos legatários de uma tradição viva, parece não ter existido literariamente em “perspectiva histórica”. Como Ulisses, o mítico fundador de Lisboa, que – no poema de Fernando Pessoa – FOI POR NÃO SER EXISTINDO, também Gregório de Matos, esse “ulterior demônio imemorial” (Mallarmé), parece ter-nos fundado exatamente por não ter existido, ou por ter sobre-existido esteticamente à força de não ser historicamente. (CAMPOS, 2011a, p. 21).

Leitura interessante e provocativa que, contudo, suscita algumas questões. Estaria Haroldo, paradoxalmente, a reivindicar a figura de um pai fundador para a literatura

brasileira? Quer talvez o crítico-poeta instituir um novo cânone? Pois colocar Gregório de Matos como pai, como autor patronímico, parece instaurar novamente uma tradição canônica; e, conseqüentemente, a ideia de literatura nacional. Sendo um livro que tem a *Gramatologia*, de Derrida, como um aporte teórico, como encontrar a leitura desconstrutora e diferencial nesses primeiros trechos de *O Sequestro*?

Haroldo de Campos questiona a noção de história da *Formação*, na qual enxerga uma “visão substancialista da evolução literária”, correspondente a “um ideal metafísico de entificação do nacional” (vale dizer: fundamenta a ideia de literatura nacional) (CAMPOS, 2011a, p. 23). Em tal questionamento, o crítico encontra duas séries metafóricas que norteiam a obra-mestre de Candido – ambas, por suposto, também substancialistas: a primeira caracterizada como “animista-ontológica”, correlacionada ao que Derrida chama de “metafísica da presença”; a segunda é “organicista”,

ligada ao pressuposto evolutivo-biológico daquela historiografia tradicional que vê reproduzir-se na literatura um processo de floração gradativa, de crescimento orgânico, seja regido por uma “teleologia naturalista”, seja pela “ideia condutora” de “individualidade” ou “espírito nacional”, a operar, sempre com dinamismo teleológico, no encadeamento de uma sequência acabada de eventos (e a culminar necessariamente num “classicismo nacional”, correspondente, no plano político, a outro “instante de plenitude”, a conquista da “unidade da nação”). (Ibidem, p. 24).

Tais séries metafóricas possibilitam à *Formação* construir uma história literária nacionalista sem que isso signifique cair numa leitura ufanista padrão Afonso Celso ou, no caso das letras, Afrânio Coutinho. Mais que isso, permite a pregnância de um discurso objetivo, convencional que, somado à perspectiva histórica linear, atina para, talvez, a principal direção do trabalho do crítico-historiador: concatenar o “classicismo nacional” à construção da identidade nacional.

É isso que permite Antonio Candido dizer que “a nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas...” sem, contudo, ser considerado antinacionalista. Já que ele mesmo, ancorado na noção de literatura nacional, afirma a necessidade de amar e preservar essa literatura, afim de que ela revele a sua “mensagem”, isto é, seu propósito (CANDIDO, 2009, p. 11).

Portanto, nesse primeiro exame, Haroldo diagnostica essa perspectiva histórica organicista e teleológica. Deixando para mais adiante uma contraposição desta por uma história literária não-homogênea, o crítico-poeta passa a desconstruir a noção de sistema literária de Candido, a qual submete uma leitura que denomina semiológica.

Se antes o crítico-historiador já assumia seu ponto de vista romântico, no que contribui a leitura desconstrutiva da sociologia de Candido via semiologia? Tal pergunta, longe de querer invalidar a crítica, nos leva a continuar a ler *O Sequestro* e procurar as respostas. E a leitura nos informa que a perspectiva histórica da *Formação* de se colocar sob a visão nacionalista romântica oculta o ideal do próprio crítico-historiador: tornar o “processo retilíneo de abasileiramento” literário (CANDIDO, 2006a, p. 99) concebido pela crítica do século XIX como uma verdade historiográfica geral (CAMPOS, 2011a, p. 37). Haroldo enxerga aí um “círculo hermenêutico”, no qual, para definir a noção de sistema – elaborada “num plano de generalidades” e

propondo-se como um paradigma geral de interpretação da literatura – o modelo de explicação utilizado retira suas “notas distintivas” do próprio período literário [Romantismo] que tenta explicar: “a evolução da literatura brasileira do arcadismo pré-romântico até o advento, com Machado de Assis, do momento crítico do nacionalismo pós-romântico, já, por assim dizer, decantado em “classicismo” (Ibidem, p. 38).

Círculo este que só se explica tendo em vista o conceito e a perspectiva de história da *Formação*:

a história retilínea, comprometida com uma concepção metafísica da própria história, a culminar na entificação da ideia de nacionalidade, segundo o “esquema linear do desenrolamento da presença” deslindado por Derrida na *Gramatologia*, o mesmo esquema substancialista da marcha linear e contínua da evolução literária, questionado por Jauss em nosso campo de estudos. (Ibidem, p. 39).

E aqui é possível compreender a leitura via semiologia de Haroldo de Campos. O que permite o sequestro⁹, a exclusão do Barroco na *Formação*, é o predomínio de um modelo semiológico que prioriza os aspectos comunicativos, integrativos e conscientizadores do fenômeno literário, e não a perspectiva histórica. Nessa semiologia, segundo Haroldo, vale a “literatura empenhada”, a “atividade literária como parte do esforço de construção do país livre”, com seus escritores conscientes do seu papel, da sua missão junto à nação (CANDIDO, 2009, p. 28), e não uma literatura autorreflexiva, lúdica, autotematizada e intertextual como a Barroca, que tende a priorizar as funções Metalinguística e Poética (CAMPOS, 2011a, p. 40-41).

Assim, a noção de história privilegiada na *Formação* – num primeiro momento caracterizada como “organicista, “teleológica”, mas que agora ganha novas metáforas: “evolutiva-linear-integrativa” – dá coloração à semiologia do seu autor, que aparece focada numa concepção veicular da literatura, cujo aspecto “emotivo-comunicacional” desenha a formação literária brasileira de maneira linear e integrativa. Ambos adjetivos contribuem para uma leitura homogênea da história literária brasileira, em que a tradição surge harmônica, sem percalços substanciais, ainda que literariamente seja “pobre e fraca”.

Diferente, portanto, das leituras anteriores da *Formação*, Haroldo, parece-nos, mostra que na teoria candidiana é o modelo semiológico que define, que direciona a noção de sistema literário. O que implica numa outra definição, bastante paradoxal: não é a literatura enquanto síntese da tríade autor-obra-público que aí se apresenta – o que seria coerente com uma visão sociológica do fazer literário –, mas a literatura enquanto instrumento – coeso e homogêneo, diga-se de passagem –, regida pela “metáfora genealógica da sequência coerente de eventos, regidos, pelo tropismo de um *telos* ou zênite comum [...]” (CAMPOS, 2011a, p. 45-46).

⁹ Leda Tenório chama atenção para essa palavrinha tão polêmica inserida por Haroldo de Campos no debate da *Formação*. Segundo ela, a leitura feita pela crítica d’*O Sequestro* não levou em conta que esse título é “só aparentemente guerreiro ou incriminador, [...] na verdade alusivo ao ‘sequestro’ como ‘recalque’ ou, um grau adiante, como ‘repúdio’ (acepções freudianas de que se valia o próprio Mário de Andrade [...]). Cf. (MOTTA, 2002, p. 75-76).

Com tais questionamentos, Haroldo parece expor uma fragilidade na noção de sistema. Nela não está contido o principal critério de leitura do fenômeno literário do crítico-historiador: a literatura integrada (ler: comprometida, empenhada) ao processo de construção nacional. Mais que isso: a necessidade de uma literatura que representasse o momento histórico deste nacional, como fora pensado pelos escritores românticos. Talvez por isso o “quantitativo” nela seja tão importante.

É somente quando se pensa a história literária pela diferença, como “contribuição diferencial”, que figuras tão fora do eixo como Gregório de Matos e a literatura barroca podem circular. O fato dessas obras transcenderem a lógica linear, objetiva, mostra que o não enquadramento sistêmico não alterou sua recepção. Pelo contrário, é a sua não linearidade que faz com que o “Boca do Inferno” e Antonio Vieira ainda sejam esteticamente recebidos.

VII. Luiz Costa Lima

A crítica de Luiz Costa Lima, “Concepção de História Literária na *Formação*” (COSTA LIMA, 1991, p. 149-166)¹⁰, ocupa um lugar privilegiado na fortuna crítica da *Formação*. Primeiro, porque a polêmica maior, *O Sequestro*, de Haroldo de Campos, havia sido publicada de pouco (um ano antes), atraindo para si quase todo o debate em torno da obra-mestre de Antonio Candido. Segundo, uma consequência do primeiro, a leitura de Costa Lima, sem dúvida uma das análises mais sóbrias que a obra já teve, passa de forma oblíqua, com pouca reverberação no estudos literários brasileiros.

Outro fator que contribuiu para o caráter não belicoso da sua crítica foi o fato dela ter sido construída especialmente para a 3ª Jornada de Ciências Sociais da UNESP dedicada à obra de Antonio Candido (Marília, São Paulo, maio, 1990). Ou seja, no calor do debate, a crítica de Costa Lima se encontra “arquivada” num livro de homenagens ao mestre, o que poderia sugerir uma relação cordial com as proposições da *Formação*...

E que não seria de todo um equívoco. Dez anos antes, no livro *Dispersa Demanda*, ao falar da literatura como marca fundamental da cultura brasileira, o crítico parece se apoiar nas inferências de Candido: “nossas considerações [...] se ativeram ao período onde, propriamente, inexistente um sistema intelectual, pois, como se infere do que já escreveu Antonio Candido (CANDIDO, 2009, p. 25), este supõe um pólo produtor, um pólo receptor e um meio de transmissão” (COSTA LIMA, 1981, p. 5-6).

Todavia, seria uma conclusão apressada. Em *Concepção*, Luiz Costa Lima, seguindo a trilha aberta pela crítica diferenciadora de Haroldo de Campos, visita de maneira singular o texto da *Formação* e elabora, a partir do círculo intelectual de Antonio Candido (uma jornada dedicada apenas ao pensamento do mestre), uma análise primorosa, desconstrutora, que dissecou os pressupostos histórico-sociológicos que circundam a noção de sistema literário. E se naquele primeiro mergulho o discípulo

¹⁰ O mesmo artigo foi recolhido no livro *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. Cf. (D'INCAO; SCARABÓTOLO, 1992, p. 153-169).

(COSTA LIMA, 1991, p. 19)¹¹ parecia concordar com tais diretrizes, neste segundo passo todos aqueles alicerces serão questionados a partir do próprio engenho discursivo que perpassa a escrita de Antonio Candido.

A análise de Luiz Costa Lima começa com um diagnóstico interessante sobre os principais caminhos da crítica e história literária no século XX, na qual se enxerga três principais eixos crítico-teóricos, a saber: a) o primeiro: o que pensa a especificidade da linguagem literária, b) o segundo: a relação da linguagem literária com a sociedade, e c) o terceiro: a questão da literatura nacional (COSTA LIMA, 1991, p. 149).

E a importância crítica de Costa Lima na fortuna crítica da *Formação* inicia-se aqui. Ao traçar um panorama contemporâneo para nele visualizar a obra de Candido, o crítico retira a discussão do vezo polemista praticado por Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos – de ângulos profundamente diversos, em que Haroldo, diferente do primeiro, na nossa visão, presta uma contribuição singular que não fez senão enriquecer a crítica e a vida intelectual no país – para colocá-la especificamente no âmbito teórico.

As primeiras impressões parecem sugerir que Candido ignora o eixo nacionalista, aproximando-se mais daquelas propostas fecundas detectadas por Costa Lima na primeira metade do século XX, em que o método imanentista e o da literatura e sociedade se fundem. Para mostrá-las, o crítico recorre a uma conhecida passagem do prefácio à segunda edição em que Candido afirma:

[...] procurei mostrar a inviabilidade da crítica determinista em geral, e mesmo da sociológica em particular quando se erige em método exclusivo ou predominante; e procurei, ainda, mostrar até que ponto a consideração dos fatores externos (legítima e, conforme o caso, indispensável) só vale quando submetida ao princípio básico de que a obra é uma entidade autônoma no que tem de especificamente seu. (CANDIDO, 2009, p. 18).

Nesse trecho Candido descreve um dos pressupostos gerais¹² da *Formação*, que consiste na formulação de um método que seja “histórico e estético ao mesmo tempo” (Ibidem, loc. cit). Isto é, que mostre como certos elementos histórico-sociais (histórico) influenciam na concepção e construção das obras literárias (estético), o que parece evidenciar um pouco mais o possível privilégio que Candido dá ao intercruzamento dos dois eixos.

Assim como na definição do “galho”, a literatura (“estrutura”) veio pronta de fora, o que, ato contínuo, corresponde a um produto secundário, a uma parte da árvore original – “as literaturas do Ocidente da Europa” (CANDIDO, 2007, p. 12) – que, no compasso da formação da sociedade, cresce e se estrutura naquilo que se compreende como literatura brasileira. Como afirma Abel Barros Baptista, “a literatura brasileira não nasce nem começa, não exprime de vez e espontaneamente a realidade

¹¹Luiz Costa Lima, assim como Haroldo de Campos, também foi orientado por Antonio Candido na USP. Em 1972, ele defendeu a tese de que resultou o livro *Estruturalismo e teoria literária*, e faz questão de frisar que deve ao seu mestre a possibilidade de continuar sua carreira universitária.

¹² Os cinco pressupostos gerais da *Formação* são: 1) o sistema literário, articulado pelo triângulo autor-obra-público; 2) a solidariedade entre os períodos literários estudados, a saber Arcadismo e Romantismo; 3) o método histórico e estético; 4) o papel representado pelos dois períodos estudados, e 5) a literatura brasileira como interessada, voltada para a construção de uma cultura nacional. Cf. (CANDIDO, 2009, pp. 17-20).

local, nem evolui em linha contínua desde uma origem determinável: *forma-se*". Isto é: a partir dos padrões/estruturas universais, a literatura "*integra-se e adapta-se à construção do novo país*" (BAPTISTA, 2005a, p. 61. Grifo nosso).

Percebe-se, portanto, que a constatação do aspecto secundário da literatura no Brasil não se dá a partir de um traço substancial. Não se trata de um método estético ou estético-social de comparação entre estruturas literárias – se o fosse, até Costa Lima concordaria com a pobreza da literatura brasileira –, mas "da manutenção de um juízo de valor" em que as questões substanciais do objeto literário – e aqui falamos a partir da noção de sistema – não são postas em relevo. Daí o crítico afirmar que "[...] a estabilidade estética conferida por Candido à 'estrutura' é antes efeito de uma concepção mais tributária de uma visão tradicional do que se estava disposto a admitir" (COSTA LIMA, 1991, p. 155).

Pergunta-se a Costa Lima: que "visão tradicional" é esta que ele detecta em Candido numa época de efervescência teórica como os anos 1950? Para responder a essa questão, o crítico chama a atenção para o conceito de literatura arquitetado pelo crítico-historiador na *Formação*, mais especificamente para as definições de *sistema literário* e *manifestações literárias*. Como se sabe, nesta última enquadra-se toda a literatura produzida no Brasil entre o século XVI e a primeira metade do século XVIII, o que inclui a obra de padre Anchieta, os sermões de padre Antonio Vieira e a obra poética atribuída a Gregório de Matos.

Sabedor da polêmica envolvendo a "exclusão" do barroco e, principalmente, Gregório do panteão literário brasileiro, Costa Lima levanta outra questão no debate: de que maneira a *Formação* contribui "para o ostracismo da produção do século XVII?" Se levarmos em conta a noção de sistema, não há na teoria de Candido qualquer compromisso – para bem ou mal – com a produção seiscentista e a literatura barroca. Elas se enquadram nas manifestações literárias que, embora possam significar pequenos sinais, não influem nem contribuem para a formação do *sistema literário*.

De fato, segundo Abel Barros Baptista, um dos erros recorrentes da crítica à *Formação* é pensar que Candido trata "começo" da literatura brasileira enquanto "origem". O início, para o crítico-historiador, só tem importância enquanto conjunção do fim, enquanto caminho homogêneo para o delineamento da maturidade da literatura no Brasil.

Luiz Costa Lima elaborou um dos estudos mais sólidos e sóbrios que a obra de Candido recebeu no Brasil. Distanciando-se da crítica elaborada por Afrânio e Haroldo – focados na querela do "sequestro" do Barroco e de Gregório de Matos –, o crítico busca compreender o lugar da *Formação* no contexto histórico-literário do século XX. E esse lugar, aparentemente situado entre a questão da "especificidade da linguagem literária" e a da relação da "linguagem literária com a sociedade" (COSTA LIMA, 1991, p. 149), na verdade – a partir de uma concepção a-histórica da forma, que culmina na "dispensa" da teoria que respalda a obra (no caso, o capítulo metodológico da *Formação*, de leitura dispensável, segundo o crítico-historiador) (Ibidem, p. 155) – apresenta a teoria de Candido em perfeita sintonia com as histórias literárias orientadas pelo fator nacional, nascidas na segunda metade do século XIX.

Entretanto o que mais chama a atenção na crítica de Costa Lima (ponto alto, parece-nos, do seu ensaio) é a significativa análise que faz do discurso empregado na

Formação, mostrando ser a escolha pelo registro descritivo – próprio do discurso historiográfico – intencional, pois ele garante “a neutralidade de quem fala e a objetividade do que diz” (Ibidem, p. 159). Por trás da descrição, da aparente isenção do narrador do objeto narrado, é o próprio Antonio Candido quem enuncia. E não deixar em evidência seus juízos de valor permite que a real intenção de sua armadura teórica – “o leitor perceberá que me coloquei deliberadamente no ângulo dos nossos primeiros românticos...” (CANDIDO, 2009, p. 27), ou seja, servir a trilha nacionalista inaugurada no Romantismo brasileiro – apareça sem marcas subjetivas.

A crítica de Costa Lima, assim, toca no *pharmakon* de Antonio Candido. Conhecido e elogiado pela polidez discursiva, pela moderação e objetividade na escrita,¹³ o crítico-historiador, aqui, é questionado exatamente por não “articular o debate teórico com o propriamente analítico”. Para o crítico, “a manutenção da separação, expressa pela ideia de que o primeiro é dispensável, favorece a pretensa objetividade do registro descritivo, velando seus efetivos valores” (COSTA LIMA, 1991, p. 165).

Considerações finais

É sobretudo com um olhar de admiração e respeito que escolhemos estudar a crítica à *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Fruto primeiro de um encanto com a sua escrita e obra, e, depois, de um profundo interesse pela sua abordagem crítica, este trabalho, ainda que o seu desdobramento possa ter soado paradoxal, é a maneira que encontramos de elogiar não só a *Formação* e o seu legado, mas também a vida e obra de Candido – um grande exemplo de crítico, docente, humanista e intelectual.

Terminada a viagem, acreditamos ter apresentado um pouco da importância de Candido e de sua obra-mestre. A [re]leitura da *Formação* através da sua fortuna crítica mostra o quanto, a despeito das marcas do tempo, essa obra ainda importa no âmbito dos estudos literários brasileiro. A teoria candidiana é ainda tão forte e importante, que não abordá-la, principalmente nos cursos de Letras e demais formas de ensino da literatura, seria mutilar o aluno de um conhecimento riquíssimo.

Entretanto, tais alunos padecerão da mesma mutilação, caso não se leve em conta as constantes transformações pelas quais tem passado o conceito de literatura. Compreender, portanto, aquilo que Marcelo Paiva chamou de “atualidade relativa” da *Formação* (SOUZA, 2005, p. 15) é fundamental para se entender o lugar dessa obra na historiografia literária contemporânea. História esta não mais marcada por um caráter dogmático, estático e sólido, mas por pulverizações e [in] certezas.

Dessa forma, estudar a crítica elaborada por Afrânio Coutinho, Haroldo de Campos e Luiz Costa Lima teve, para nós, a intenção de cumprir dois propósitos. Em primeiro lugar, verificar até que ponto essas indagações desempenharam um papel

¹³ A polidez e objetividade textual é uma escolha de Antonio Candido. Assim ele afirmou numa entrevista ao jornal El Nacional de Caracas, Venezuela, em 29/11/1992:

“Creio que consegui ser claro na fala e na escrita, e meu ideal era esse. Sou de opinião que só os grandes espíritos, os que possuem ideias originais e transformadoras, têm o direito de ser obscuros; inclusive porque a obscuridade é muitas vezes nossa falta de familiaridade com as coisas novas. Mas para nós, espíritos normais, a claridade é um dever”. Cf. (DANTAS, 2002, p. 163).

efetivamente crítico na atitude de debater a teoria de Candido, buscando apreender os limites da razão na *Formação*, e não tecendo abordagens belicosas ou laudatórias. Conseqüentemente, em segundo lugar, buscamos apontar quais desses trabalhos críticos conseguiram enxergar a “atualidade relativa” da obra-mestre, contribuindo, assim, não só para a fortuna crítica do crítico-historiador, mas também para o debate contemporâneo sobre a historiografia literária brasileira.

Bibliografia

- BAPTISTA, A. B. **O livro agreste**: ensaio de curso de literatura brasileira. Campinas: Editora da Unicamp, 2005a.
- _____. Uma alma singela. **Folha de São Paulo**, 23 de janeiro de 2005b. Caderno Mais!. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2301200515.htm>> Acesso em: 21/02/2018.
- CAMPOS, H. **O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira**: o caso Gregório de Matos. São Paulo: Iluminuras, 2011a.
- _____; et al. **Depoimentos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011b.
- _____. Entrevista. **Revista e**, SESC, São Paulo, ano 9, n° 10, 2003.
- _____. **Metalinguagens & outras metas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos 1750-1880. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP/Ouro Sobre Azul, 2009.
- _____. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- _____. **Iniciação à literatura brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.
- CHIAPPINI, Ligia. Os equívocos da crítica à *Formação*. _____. In: D'INCAO, M. A. & SCARABÔTOLO, E. F. (Orgs.). **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992, p. 170-177.
- COSTA LIMA, Luiz. A estabilidade da noção de história da literatura no Brasil. In: JOBIM, J. L. [et al]. **Sentido dos lugares**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 52-57.
- _____. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. _____. In: **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 3-29.
- _____. Concepções de história literária na *Formação*. In: _____. **Pensando nos trópicos**: dispersa demanda II. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166.
- COUTINHO, A. (Org.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968-1971. (6 v.).
- _____. **Conceito de literatura brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981. (1. ed. 1960).
- DANTAS, V. **Bibliografia de Antonio Candido**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- D'INCAO, M. A. & SCARABÔTOLO, E. F. (Orgs.). **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992.
- GALVÃO, W. N. Pesquisadora rebate ataques a Antonio Candido. **Folha de São Paulo**, 16 de janeiro de 2005. Caderno Mais!. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1601200508.htm>> Acesso em: 21/02/2018.

- MOTTA, L. T. **Sobre a crítica literária do último meio século**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- SARLO, B. La literatura de América Latina. Unidad y conflicto. Antonio Candido: para una crítica latino-americana. **Punto de vista**: revista de cultura, Buenos Aires, año 3, n. 8, Marzo-Junio, 1980, p. 3-9.
- SCHWARTZ, A. Formação continuada. **Folha de São Paulo**, 16 de janeiro de 2005. Caderno Mais!. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1601200506.htm>> Acesso em: 21/02/2018.
- SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. _____. In: AGUIAR, F. (Org.). **Antonio Candido: pensamento e militância**. São Paulo: Humanitas/Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 82-85.
- SOUZA, M. P. A centopeia, o ranheta e outros bichos: sobre a historiografia literária brasileira hoje. **Espéculo**, Universidad Complutense, Madrid, v. X, nº 31, 2005. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/centope.html>> Acesso em 21/02/2018.